



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



## Situação de Aprendizagem 1 O PENSAMENTO DE SCHOPENHAËUR E NIETZSCHE

### 1. Introdução

Arthur Schopenhauer nasceu em Danzig, no dia 22 de fevereiro de 1788, e faleceu em Frankfurt, no dia 21 de setembro de 1860. Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Röcken, 15 de outubro de 1844, e morreu em Weimar, em 25 de Agosto de 1900. Estamos falando, portanto, de dois grandes representantes da filosofia alemã. Ambos são marcados por terem produzido uma filosofia que não se encaixava em nenhum sistema de pensamento de suas épocas. Outro ponto em comum é que os dois teorizaram o problema da vontade, entendida como força natural. Na verdade, Schopenhauer influenciou profunda mente o pensamento de Nietzsche, porém, apresentaram várias divergências.

Schopenhauer foi influenciado pelas ideias de Kant, particularmente a respeito do pressuposto acerca dos fenômenos. Isso significa que o mundo não passa de uma representação, em que temos, de um lado, o objeto definido por tempo e espaço, e, por outro, a consciência subjetiva, essencial para que o mundo exista. Para Kant, o mundo em si (a realidade não fenomênica) não seria apreensível pela consciência; já para Schopenhauer, ao tomar consciência de si, o ser humano se experimenta como um ser movido por aspirações e paixões. Estas constituem a unidade da Vontade. Esta é entendida pelo filósofo em questão como força natural, presente em todos os fenômenos e em todas as coisas e seria o princípio norteador da existência humana. Assim, a Vontade seria o substrato do mundo, o fundamento de toda a realidade.

A Vontade, no entendimento de Schopenhauer, não é um princípio racional, mas um impulso irracional e cego que conduz ao "instinto" de preservação. O homem, porém, tenta encobrir a irracionalidade dessa força, conferindo causalidade a seus atos. Portanto, a vontade constitui, igualmente, a causa de todo sofrimento, uma vez que lança os entes em uma cadeia perpétua de aspirações sem fim, o que provoca a dor de permanecer algo que jamais consegue completar-se. Dessa forma, o prazer consiste apenas na supressão momentânea da dor. Em razão dessa concepção, Schopenhauer foi considerado um filósofo pessimista. Nessa preocupação metafísica com o problema do sofrimento, Schopenhauer aproximou o budismo da sua filosofia.

Nietzsche, ao contrário, considerou o cristianismo e o Budismo como religiões responsáveis pela decadência da cultura. Mesmo assim, Nietzsche considerou o Budismo superior e mais realista do que o Cristianismo. O Budismo, de fato, tem uma abordagem menos metafísica, mais psicológica e existencial acerca da vida humana. Contudo, esse pensador era declaradamente ateu. "Para mim – escreveu Nietzsche – o ateísmo não é nem uma consequência, nem mesmo um fato novo: existe comigo por instinto." (Ecce Homo). Ele, de fato, elaborou uma filosofia avessa à metafísica.

Nietzsche desenvolveu uma teoria sobre a questão da Vontade e a relacionou com o princípio da vida. Essa é entendida pelo autor como luta entre vencidos e vencedores. A vontade de potência ou vontade de poder define a vida e é força incriada que regula todos os fenômenos do Universo. As religiões, segundo o pensador



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



em questão, enfraquecem essa força, e o homem deve conduzir sua vida por essa vontade de poder. Jesus Cristo, porém, dizia Nietzsche, foi de fato, nesse sentido, um super-homem.



Schopenhauer influenciou Nietzsche, mas suas filosofias divergiam em alguns pontos,

## Texto: A Vontade em Schopenhauer

Por Alice Valente

No sistema de Schopenhauer, a vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana; ao mesmo tempo, a fonte de todos os sofrimentos. Sua filosofia é, assim, profundamente pessimista, pois *a vontade é concebida como algo sem nenhuma meta* ou finalidade, um querer irracional e inconsciente. Sendo um mal inerente à existência do homem, ela gera a dor, necessária e inevitavelmente, aquilo que se conhece como felicidade seria apenas a interrupção temporária de um processo de infelicidade e somente a lembrança de um sofrimento passado criaria a ilusão de um bem presente. Para Schopenhauer, o prazer é momento fugaz de ausência de dor e não existe satisfação durável. Todo prazer é ponto de partida de novas aspirações, sempre obstadas e sempre em luta por sua realização: "Viver é sofrer".

Mas, apesar de todo seu profundo pessimismo, a filosofia de Schopenhauer aponta algumas vias para a suspensão da dor. Num primeiro momento, o caminho para a supressão da dor encontra-se na contemplação artística. A contemplação desinteressada das ideias seria um ato de intuição artística e permitiria a contemplação da vontade em si mesma, o que, por sua vez, conduziria ao domínio da própria vontade.

Na arte, a relação entre a vontade e a representação inverte-se, a inteligência passa a uma posição superior e assiste à história de sua própria vontade; em outros termos, a inteligência deixa de ser atriz para ser espectadora. A atividade artística revelaria as ideias eternas através de diversos graus, passando sucessivamente pela arquitetura, escultura, pintura, poesia lírica, poesia trágica e, finalmente, pela música. Em Schopenhauer, pela primeira vez na história da filosofia, a música ocupa o primeiro lugar entre todas as artes. Liberta de toda referência específica aos diversos objetos da vontade, a música poderia exprimir a Vontade em sua essência



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



geral e indiferenciada, constituindo um meio capaz de propor a libertação do homem, em face dos diferentes aspectos assumidos pela vontade. A ética de Schopenhauer não está presa à noção de "dever", rejeitando assim todas as formas imperativas e coercivas assentes em quaisquer doutrinas ou mandamentos, apoiando-se antes na noção de que a contemplação da verdade é o caminho de acesso ao bem. E tal como Bento Espinosa, do ponto de vista teológico, elimina Deus e substitui-o pela vontade superior da natureza.



A Vontade é força natural, irracional que move universo.

## Texto Clássico: A Dor (Trechos)

Por Arthur Schopenhauer

(...) Os esforços para banir a dor de nossas vidas não conseguem outro resultado senão o de fazê-la mudar de forma. Em sua origem tomam o aspecto da necessidade, cuidado, para atender as coisas materiais da vida, e quando, após um trabalho incessante e penoso, conseguimos afastar a horrível máscara da dor neste determinado aspecto, adquire outros mil disfarces, segundo a idade e as circunstâncias: o instinto sexual, o amor apaixonado, a inveja, o rancor, os ciúmes, a ambição, a avareza, o temor, a enfermidade etc.

Toma o aspecto triste e desolado do tédio, da sociedade, quando não encontra outro modo de se apresentar. E se com novas armas conseguimos afastá-la, novamente recuperará sua antiga máscara, e a dança recomeça.

Tudo que defendemos, resiste-nos, tudo tem uma vontade hostil que é preciso vencer.

Em todas as partes e ocasiões temos que travar combate com um adversário. (...)

Se o mundo é obra de um criador, as dores voltam-se contra ele dando lugar a cruéis sarcasmos; mas se é obra nossa, a acusação é contra o nosso ser e a nossa vontade. Isto nos faz pensar que viemos ao mundo já viciados, como os filhos de pais gastos pelos desregramentos, e que se a nossa existência é tão miserável, e tem por desfecho a morte, é porque assim merecemos, para expiar nossa culpa. Generalizando, nada é mais certo: a



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



culpa do mundo é que causa os sofrimentos, e entendemos esta relação no sentido metafórico, e não no físico e empírico. Por isso, a história do pecado original reconcilia-me com o Antigo Testamento; para mim é a única verdade metafísica que o livro contém expressa em forma alegórica. A nada se assemelha tanto nosso destino como à consequência de uma falta, de um desejo culpado. (...)

Do mesmo modo que o rio corre manso e sereno, enquanto não encontra obstáculos que se oponham à sua marcha, assim corre a vida do homem quando nada se lhe opõe à vontade. Vivemos inconscientes e desatentos: nossa atenção desperta no mesmo instante em que nossa vontade encontra um obstáculo e choca-se contra ele. (...)

É um absurdo acreditar o contrário; que o mal é negativo. Ele é positivo, porque se faz sentir. Toda a felicidade, todo o bem é negativo, e toda a satisfação também o é, porque suprime um desejo ou termina um pesar. Acrescentamos a isto que, em geral, nunca sentimos uma alegria maior que a que sonhávamos, e que a dor sempre a excede. (...)

A felicidade está no futuro, ou no passado; o presente é uma pequena nuvem escura que o vento impele sobre a planície cheia de sol. Diante e atrás dela, tudo é luminoso; só a nuvem é que projeta uma sombra.

O homem, ameaçado por todos os lados pelos perigos que o rodeiam, usa de sua prudência sempre vigilante para poder escapar. Com passo inquieto, lançando em volta olhares angustiosos, segue o seu caminho em luta constante com os casos e com seus inúmeros inimigos. O homem não se sente seguro entre os da sua raça e nem nos mais longínquos desertos. A necessidade imperiosa do homem é assegurar a existência, e feito isto, já sabe o que fazer. Portanto, depois disso, o homem se esforça para aliviar o peso da vida, torná-la agradável e menos sensível: "matar o tempo", isto é, fugir ao aborrecimento.

A miséria é sofrimento pungente do povo; o desgosto é para os favorecidos. Na vida civil, o domingo significa o tédio, e os seis dias, o desgosto.

O aborrecimento dá-nos a noção do tempo e a distração nos faz esquecer.

Isto prova que a nossa existência é mais feliz quando menos a sentimos: de onde se deduz que seríamos mais felizes se nos livrássemos dela.

Os otimistas quiseram adaptar o mundo ao seu sistema, e apresentá-lo a priori como o melhor dos mundos possíveis. O absurdo é evidente.

A sinceridade de certos homens não lhes permite a união ao coro dos otimistas, e com eles entoar a aleluia.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



## Texto: Nietzsche Vida e Obra

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu a 15 de outubro de 1844 em Röcken, localidade próxima a Leipzig. Karl Ludwig, seu pai, pessoa culta e delicada, e seus dois avós eram pastores protestantes; o próprio Nietzsche pensou em seguir a mesma carreira.

Em 1849, seu pai e seu irmão faleceram; por causa disso a mãe mudou-se com a família para Naumburg, pequena cidade às margens do Saale, onde Nietzsche cresceu, em companhia da mãe, duas tias e da avó. Criança feliz, aluno modelo, dócil e leal, seus colegas de escola o chamavam "pequeno pastor"; com eles criou uma pequena sociedade artística e literária, para a qual compôs melodias e escreveu seus primeiros versos.

Em 1858, Nietzsche obteve uma bolsa de estudos na então famosa escola de Pforta, onde haviam estudado o poeta Novalis e o filósofo Fichte (1762-1814). Datam dessa época suas leituras de Schiller (1759-1805), Hölderlin (1770-1843) e Byron (1788-1824); sob essa influência e a de alguns professores, Nietzsche começou a afastar-se do cristianismo. Excelente aluno em grego e brilhante em estudos bíblicos, alemão e latim, seus autores favoritos, entre os clássicos, foram Platão (428-348 a.C.) e Ésquilo (525-456 a.C.). Durante o último ano em Pforta, escreveu um trabalho sobre o poeta Teógnis (séc. VI a.C.). Partiu em seguida para Bonn, onde se dedicou aos estudos de teologia e filosofia, mas, influenciado por seu professor predileto, Ritschl, desistiu desses estudos e passou a residir em Leipzig, dedicando-se à filologia. Ritschl considerava a filologia não apenas história das formas literárias, mas estudos das instituições e do pensamento. Nietzsche seguiu-lhe as pegadas e realizou investigações originais sobre Diógenes Laércio (séc. III), Hesíodo (séc. VIII a.C.) e Homero. A partir desses trabalhos foi nomeado, em 1869, professor de filologia em Basileia, onde permaneceu por dez anos. A filosofia somente passou a interessá-lo a partir da leitura de *O Mundo como Vontade e Representação*, de Schopenhauer (1788-1860). Nietzsche foi atraído pelo ateísmo de Schopenhauer, assim como pela posição essencial que a experiência estética ocupa em sua filosofia, sobretudo pelo significado metafísico que atribui à música.

Em 1867, Nietzsche foi chamado para prestar o serviço militar, mas um acidente em exercício de montaria livrou-o dessa obrigação. Voltou então aos estudos na cidade de Leipzig. Nessa época teve início sua amizade com Richard Wagner (1813-1883), que tinha quase 55 anos e vivia então com Cosima, filha de Liszt (1811-1886). Nietzsche encantou-se com a música de Wagner e com seu drama musical, principalmente com *Tristão e Isolde* e com *Os Mestres Cantores*. A casa de campo de Tribschen, às margens do lago de Lucerna, onde Wagner morava, tornou-se para Nietzsche lugar de "refúgio e consolação". Na mesma época, apaixonou-se por Cosima, que viria a ser, em obra posterior, a "sonhada Ariane". Em cartas ao amigo Erwin Rohde, escrevia: "Minha Itália chama-se Tribschen e sinto-me ali como em minha própria casa". Na universidade, passou a tratar das relações entre a música e a tragédia grega, esboçando seu livro *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*.

Fonte: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/nietzsche.htm>



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



## O Filósofo e o Músico

Em 1870, a Alemanha entrou em guerra com a França; nessa ocasião, Nietzsche serviu o exército como enfermeiro, mas por pouco tempo, pois logo adoeceu, contraindo difteria e disenteria. Essa doença parece ter sido a origem das dores de cabeça e de estômago que acompanharam o filósofo durante toda a vida. Nietzsche restabeleceu-se lentamente e voltou a Basileia a fim de prosseguir seus cursos. Em 1871, publicou *O Nascimento da Tragédia*, a respeito da qual se costuma dizer que o verdadeiro Nietzsche fala através das figuras de Schopenhauer e de Wagner. Nessa obra, considera Sócrates (470 ou 469 a.C.-399 a.C.) um "sedutor", por ter feito triunfar junto à juventude ateniense o mundo abstrato do pensamento. A tragédia grega, diz Nietzsche, depois de ter atingido sua perfeição pela reconciliação da "embriaguez e da forma", de Dioniso e Apolo, começou a declinar quando, aos poucos, foi invadida pelo racionalismo, sob a influência "decadente" de Sócrates. Assim, Nietzsche estabeleceu uma distinção entre o apolíneo e o dionisíaco: Apolo é o deus da clareza, da harmonia e da ordem; Dioniso, o deus da exuberância, da desordem e da música. Segundo Nietzsche, o apolíneo e o dionisíaco, complementares entre si, foram separados pela civilização. Nietzsche trata da Grécia antes da separação entre o trabalho manual e o intelectual, entre o cidadão e o político, entre o poeta e o filósofo, entre Eros e Logos. Para ele, a Grécia socrática, a do Logos e da lógica, a da cidade-Estado, assinalou o fim da Grécia antiga e de sua força criadora. Nietzsche pergunta como, num povo amante da beleza, Sócrates pôde atrair os jovens com a dialética, isto é, uma nova forma de disputa (ágon), coisa tão querida pelos gregos. Nietzsche responde que isso aconteceu porque a existência grega já tinha perdido sua "bela imediatez", e tornou-se necessário que a vida ameaçada de dissolução lançasse mão de uma "razão tirânica", a fim de dominar os instintos contraditórios.

Seu livro foi mal acolhido pela crítica, o que o impeliu a refletir sobre a incompatibilidade entre o "pensador privado" e o "professor público". Ao mesmo tempo, com ruim estado de saúde: (dores de cabeça, perturbações oculares, dificuldades na fala) interrompeu assim sua carreira universitária por um ano. Mesmo doente, foi até Bayreuth para assistir à apresentação de *O Anel dos Nibelungos*, de Wagner. Mas o "entusiasmo grosseiro" da multidão e a atitude de Wagner embriagado pelo sucesso o irritaram.

Terminada a licença da universidade para que tratasse da saúde, Nietzsche voltou à cátedra. Mas sua voz agora era tão imperceptível que os ouvintes deixaram de frequentar seus cursos, outrora tão brilhantes. Em 1879, pediu demissão do cargo. Nessa ocasião, iniciou sua grande crítica dos valores, escrevendo *Humano, Demasiado Humano*; seus amigos não o compreenderam. Rompeu as relações de amizade que o ligavam a Wagner e, ao mesmo tempo, afastou-se da filosofia de Schopenhauer, recusando sua noção de "vontade culpada" e substituindo-a pela de "vontade alegre"; isso lhe parecia necessário para destruir os obstáculos da moral e da metafísica. O homem, dizia Nietzsche, é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê neles algo de "transcendente", de "eterno" e "verdadeiro", quando os valores não são mais do que algo "humano, demasiado humano".



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



Nietzsche, que até então interpretara a música de Wagner como o “renascimento da grande arte da Grécia”, mudou de opinião, achando que Wagner inclinava-se ao pessimismo sob a influência de Schopenhauer. Nessa época Wagner voltara-se, ao mesmo tempo, para a recusa do cristianismo e de Schopenhauer; para Nietzsche, ambos são parentes porque são a manifestação da decadência, isto é, da fraqueza e da negação. Irritado com o antigo amigo, Nietzsche escreveu: “Não há nada de exausto, nada de caduco, nada de perigoso para a vida, nada que calunie o mundo no reino do espírito, que não tenha encontrado secretamente abrigo em sua arte; ele dissimula o mais negro obscurantismo nos orbes luminosos do ideal. Ele acaricia todo o instinto niilista (budista) e embeleza-o com a música; acaricia toda a forma de cristianismo e toda expressão religiosa de decadência”.

## Solidão, Agonia e Morte

Em 1880, Nietzsche publicou *O Andarilho e sua Sombra*; um ano depois apareceu *Aurora*, com a qual se empenhou “numa luta contra a moral da autorrenúncia”. Mais uma vez, seu trabalho não foi bem acolhido por seus amigos; Erwin Rohde nem chegou a agradecer-lhe o recebimento da obra, nem respondeu à carta que Nietzsche lhe enviara. Em 1882, veio à luz *A Gaia Ciência*, depois *Assim falou Zaratustra* (1884), *Para Além de Bem e Mal* (1886), *O Caso Wagner*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *Nietzsche contra Wagner* (1888). *Ecce Homo*, *Ditirambos Dionisíacos*, *O Anticristo* e *Vontade de Potência* só apareceram depois de sua morte.

Durante o verão de 1881, Nietzsche residiu em Haute-Engandine, na pequena aldeia de Silvaplana, e, durante um passeio, teve a intuição de *O Eterno Retorno*, redigido logo depois. Nessa obra defendeu a tese de que o mundo passa indefinidamente pela alternância da criação e da destruição, da alegria e do sofrimento, do bem e do mal. De Silvaplana, Nietzsche transferiu-se para Gênova, no outono de 1881, e depois para Roma, onde permaneceu por insistência de Fräulein von Meysenburg, que pretendia casá-lo com uma jovem finlandesa, Lou Andreas Salomé. Em 1882, Nietzsche propôs-lhe casamento e foi recusado, mas Lou Andreas Salomé desejou continuar sua amiga e discípula. Encontraram-se mais tarde na Alemanha; porém, não houve a esperada adesão à filosofia nietzschiana e, assim, acabaram por se afastar definitivamente.

Em seguida, retornou à Itália, passando o inverno de 1882-1883 na baía de Rapallo. Em Rapallo, Nietzsche não se encontrava bem instalado; porém, “foi durante o inverno e no meio desse desconforto que nasceu o meu nobre Zaratustra”. No outono de 1883 voltou para a Alemanha e passou a residir em Naumburg, em companhia da mãe e da irmã. Apesar da companhia dos familiares, sentia-se cada vez mais só. Além disso, mostrava-se muito contrariado, pois sua irmã tencionava casar-se com Herr Foster, agitador antisemita, que pretendia fundar uma empresa colonial no Paraguai, como reduto da cristandade teutônica. Nietzsche desprezava o antisemitismo, e, não conseguindo influenciar a irmã, abandonou Naumburg.

Em princípio de abril de 1884 chegou a Veneza, partindo depois para a Suíça, onde recebeu a visita do barão Heinrich von Stein, jovem discípulo de Wagner. Von Stein esperava que o filósofo o acompanhasse a



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



Bayreuth para ouvir o Parsifal, talvez pretendendo ser o mediador para que Nietzsche não publicasse seu ataque contra Wagner. Por seu lado, Nietzsche viu no rapaz um discípulo capaz de compreender o seu Zarathustra. Von Stein, no entanto, veio a falecer muito cedo, o que o amargurou profundamente, sucedendo-se alternâncias entre euforia e depressão. Em 1885, veio a público a quarta parte de Assim falou Zarathustra; cada vez mais isolado, o autor só encontrou sete pessoas a quem enviá-la. Depois disso, viajou para Nice, onde veio a conhecer o intelectual alemão Paul Lanzky, que lera Assim falou Zarathustra e escrevera um artigo, publicado em um jornal de Leipzig e na Revista Europeia de Florença. Certa vez, Lanzky se dirigiu a Nietzsche tratando-o de “mestre” e Nietzsche lhe respondeu: “Sois o primeiro que me trata dessa maneira”.

Depois de 1888, Nietzsche passou a escrever cartas estranhas. Um ano mais tarde, em Turim, enfrentou o auge da crise; escrevia cartas ora assinando “Dioniso”, ora “o Crucificado” e acabou sendo internado em Basileia, onde foi diagnosticada uma “paralisia progressiva”. Provavelmente de origem sífilítica, a moléstia progrediu lentamente até a apatia e a agonia. Nietzsche faleceu em Weimar, em 25 de agosto de 1900.

## O Dionisíaco e o Socrático

Nietzsche enriqueceu a filosofia moderna com meios de expressão: o aforismo e o poema. Isso trouxe como consequência uma nova concepção da filosofia e do filósofo: não se trata mais de procurar o ideal de um conhecimento verdadeiro, mas sim de interpretar e avaliar. A interpretação procuraria fixar o sentido de um fenômeno, sempre parcial e fragmentário; a avaliação tentaria determinar o valor hierárquico desses sentidos, totalizando os fragmentos, sem, no entanto, atenuar ou suprimir a pluralidade. Assim, o aforismo nietzschiano é, simultaneamente, a arte de interpretar e a coisa a ser interpretada, e o poema constitui a arte de avaliar e a própria coisa a ser avaliada. O intérprete seria uma espécie de fisiologista e de médico, aquele que considera os fenômenos como sintomas e fala por aforismos; o avaliador seria o artista que considera e cria perspectivas, falando pelo poema. Reunindo as duas capacidades, o filósofo do futuro deveria ser artista e médico-legislador, ao mesmo tempo. Para Nietzsche, um tipo de filósofo encontra-se entre os pré-socráticos, nos quais existe unidade entre o pensamento e a vida, esta “estimulando” o pensamento, e o pensamento “afirmando” a vida.

Mas o desenvolvimento da filosofia teria trazido consigo a progressiva degeneração dessa característica, e, em lugar de uma vida ativa e de um pensamento afirmativo, a filosofia ter-se-ia proposto como tarefa “julgar a vida”, opondo a ela valores pretensamente superiores, mediando-a por eles, impondo-lhes limites, condenando-a. Em lugar do filósofo-legislador, isto é, crítico de todos os valores estabelecidos e criador de novos surgiram o filósofo metafísico. Essa degeneração, afirma Nietzsche, apareceu claramente com Sócrates, quando se estabeleceu a distinção entre dois mundos, pela oposição entre essencial e aparente, verdadeiro e falso, inteligível e sensível. Sócrates “inventou” a metafísica, diz Nietzsche, fazendo da vida aquilo que deve ser julgado, medido, limitado, em nome de valores “superiores” como o Divino, o Verdadeiro, o Belo, o Bem. Com





# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



Sócrates, teria surgido um tipo de filósofo voluntário e sutilmente “submisso”, inaugurando a época da razão e do homem teórico, que se opôs ao sentido místico de toda a tradição da época da tragédia.

Para Nietzsche, a grande tragédia grega apresenta como característica o saber místico da unidade da vida e da morte e, nesse sentido, constitui uma “chave” que abre o caminho essencial do mundo. Mas Sócrates interpretou a arte trágica como algo irracional, algo que apresenta efeitos sem causas e causas sem efeitos, tudo de maneira tão confusa que deveria ser ignorada. Por isso Sócrates colocou a tragédia na categoria das artes adadoras, que representam o agradável e não o útil, e pedia a seus discípulos que se abstivessem dessas emoções “indignas de filósofos”. Segundo Sócrates, a arte da tragédia desvia o homem do caminho da verdade: *“uma obra só é bela se obedecer à razão”*, fórmula que, segundo Nietzsche, corresponde ao aforismo “só o homem que concebe o bem é virtuoso”. Esse bem ideal concebido por Sócrates existiria em um mundo suprasensível, no “verdadeiro mundo”, inacessível ao conhecimento dos sentidos, os quais só revelariam o aparente e irreal. Com tal concepção, criou-se, segundo Nietzsche, uma verdadeira oposição dialética entre Sócrates e Dioniso: “enquanto em todos os homens produtivos o instinto é uma força afirmativa e criadora, e a consciência, uma força crítica e negativa, em Sócrates, o instinto torna-se crítico, e a consciência, criadora”. Assim, Sócrates, o “homem teórico”, foi o único verdadeiro contrário do homem trágico e com ele teve início uma verdadeira mutação no entendimento do Ser. Com ele, o homem se afastou cada vez mais desse conhecimento, na medida em que abandonou o fenômeno do trágico, verdadeira natureza da realidade, segundo Nietzsche. Perdendo-se a sabedoria instintiva da arte trágica, restou a Sócrates apenas um aspecto da vida do espírito, o aspecto lógico-racional; faltou-lhe a visão mística, possuído que foi pelo instinto irrefreado de tudo transformar em pensamento abstrato, lógico, racional. Penetrar a própria razão das coisas, distinguindo o verdadeiro do aparente e do erro era, para Sócrates, a única atividade digna do homem. Para Nietzsche, porém, esse tipo de conhecimento não tarda a encontrar seus limites: “esta sublime ilusão metafísica de um pensamento puramente racional associa-se ao conhecimento como um instinto e o conduz incessantemente a seus limites onde este se transforma em arte”.

Por essa razão, Nietzsche combateu a metafísica, retirando do mundo suprasensível todo e qualquer valor eficiente e entendendo as ideias não mais como “verdades” ou “falsidades”, mas como “sinais”. A única existência, para Nietzsche, é a aparência e seu reverso não é mais o Ser; o homem está destinado à multiplicidade, e a única coisa permitida é sua interpretação.

## O Voo da Águia, a Ascensão da Montanha

A crítica nietzschiana à metafísica tem um sentido ontológico e um sentido moral: o combate à teoria das ideias socrático-platônicas é, ao mesmo tempo, uma luta acirrada contra o cristianismo. Segundo Nietzsche, o cristianismo concebe o mundo terrestre como um vale de lágrimas, em oposição ao mundo da felicidade eterna do além. Essa concepção constitui uma metafísica que, à luz das ideias do outro mundo, autêntico e



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



verdadeiro, entende o terrestre, o sensível, o corpo, como o provisório, o inautêntico e o aparente. Trata-se, portanto, diz Nietzsche, de “um platonismo para o povo”, de uma vulgarização da metafísica, que é preciso desmistificar. O cristianismo continua Nietzsche, é a forma acabada da perversão dos instintos que caracteriza o platonismo, repousando em dogmas e crenças que permitem à consciência fraca e escava escapar à vida, à dor e à luta, e impondo a resignação e a renúncia como virtudes. São os escravos e os vencidos da vida que inventaram o além para compensar a miséria; inventaram falsos valores para se consolar da impossibilidade de participação nos valores dos senhores e dos fortes; forjaram o mito da salvação da alma porque não possuíam o corpo; criaram a ficção do pecado porque não podiam participar das alegrias terrestres e da plena satisfação dos instintos da vida. “Este ódio de tudo que é humano”, diz Nietzsche, “de tudo que é 'animal' e mais ainda de tudo que é 'matéria', este temor dos sentidos... este horror da felicidade e da beleza; este desejo de fugir de tudo que é aparência, mudança, dever, morte, esforço, desejo mesmo, tudo isso significa... vontade de aniquilamento, hostilidade à vida, recusa em se admitir as condições fundamentais da própria vida”.

Nietzsche propôs a si mesmo a tarefa de recuperar a vida e transmutar todos os valores do cristianismo: “munido de uma tocha cuja luz não treme, levo uma claridade intensa aos subterrâneos do ideal”. A imagem da tocha simboliza, no pensamento de Nietzsche, o método filológico, por ele concebido como um método crítico e que se constitui no nível da patologia, pois procura “fazer falar aquilo que gostaria de permanecer mudo”. Nietzsche traz à tona, por exemplo, um significado esquecido da palavra “bom”. Em latim, bonus significa também o “guerreiro”, significado este que foi sepultado pelo cristianismo. Assim como esse, outros significados precisariam ser recuperados; com isso se poderia constituir uma genealogia da moral que explicaria as etapas das noções de “bem” e de “mal”. Para Nietzsche, essas etapas são o ressentimento (“é tua culpa se sou fraco e infeliz”); a consciência da culpa (momento em que as formas negativas se interiorizam, dizem-se culpadas e voltam-se contra si mesmas); e o ideal ascético (momento de sublimação do sofrimento e de negação da vida).

A partir daqui, a vontade de potência torna-se vontade de nada e a vida transforma-se em fraqueza e mutilação, triunfando o negativo e a reação contra a ação. Quando esse nihilismo triunfa, diz Nietzsche, a vontade de potência deixa de querer significar “criar” para querer dizer “dominar”; essa é a maneira como o escravo a concebe. Assim, na fórmula “tu és mau, logo eu sou bom”, Nietzsche vê o triunfo da moral dos fracos que negam a vida, ou negam a “afirmação”; neles tudo é invertido: os fracos passam a se chamar fortes, a baixaza transforma-se em nobreza. A “profundidade da consciência” que busca o Bem e a Verdade, diz Nietzsche, implica resignação, hipocrisia e máscara, e o intérprete-filólogo, ao percorrer os signos para denunciá-las, deve ser um escavador dos submundos a fim de mostrar que a “profundidade da interioridade” é coisa diferente do que ela mesma pretende ser. Do ponto de vista do intérprete que desça até os bas-fonds da consciência, o Bem é a vontade do mais forte, do “guerreiro”, do arauto de um apelo perpétuo à verdadeira ultrapassagem dos valores estabelecidos, do super-homem, entendida esta expressão no sentido de um ser humano que transpõe os limites do humano, é o “além-do-homem”. Assim, o voo da águia, a ascensão da montanha e todas as imagens de verticalidade que se encontram em Assim falou Zaratustra representam a inversão da profundidade e a descoberta de que ela não passa de um jogo de superfície.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



A etimologia nietzschiana mostra que não existe um “sentido original”, pois as próprias palavras não passam de interpretações, antes mesmo de serem signos, e elas só significam porque são “interpretações essenciais”. As palavras, segundo Nietzsche, sempre foram inventadas pelas classes superiores e, assim, não indicam um significado, mas impõem uma interpretação. O trabalho do etimologista, portanto, deve centralizar-se no problema de saber o que existe para ser interpretado, na medida em que tudo é máscara, interpretação, avaliação. Fazer isso é “aliviar o que vive, dançar, criar”. Zaratustra, o intérprete por excelência, é como Dioniso.

11

## Os Limites do Humano: O Além-do-Homem

Em *Ecce Homo*, Nietzsche assimila Zaratustra a Dioniso, concebendo o primeiro como o triunfo da afirmação da vontade de potência e o segundo como símbolo do mundo como vontade, como um deus artista, totalmente irresponsável, amoral e superior ao lógico. Por outro lado, a arte trágica é concebida por Nietzsche como oposta à decadência e enraizada na antinomia entre a vontade de potência, aberta para o futuro, e o “eterno retorno”, que faz do futuro numa repetição; esta, no entanto, não significa uma volta do mesmo nem uma volta ao mesmo; o eterno retorno nietzschiano é essencialmente seletivo. Em dois momentos de *Assim falou Zaratustra* (*Zaratustra doente* e *Zaratustra convalescente*), o eterno retorno causa ao personagem-título, primeiramente, uma repulsa e um medo intoleráveis que desaparecem por ocasião de sua cura, pois o que o tornava doente era a ideia de que o eterno retorno estava ligado, apesar de tudo, a um ciclo, e que ele faria tudo voltar, mesmo o homem, o “homem pequeno”. O grande desgosto do homem, diz Zaratustra, aí está o que me sufocou e que me tinha entrado na garganta e também o que me tinha profetizado o adivinho: tudo é igual. E o eterno retorno, mesmo do mais pequeno, aí está a causa de meu cansaço e de toda a existência. Dessa forma, se Zaratustra se cura é porque compreende que o eterno retorno abrange o desigual e a seleção. Para Dioniso, o sofrimento, a morte e o declínio são apenas a outra face da alegria, da ressurreição e da volta. Por isso, “os homens não têm de fugir à vida como os pessimistas”, diz Nietzsche, “mas, como alegres convivas de um banquete que desejam suas taças novamente cheias, dirão à vida: uma vez mais”.

Para Nietzsche, portanto, o verdadeiro oposto a Dioniso não é mais Sócrates, mas o Crucificado. Em outros termos, a verdadeira oposição é a que contrapõe, de um lado, o testemunho contra a vida e o empreendimento de vingança que consiste em negar a vida; de outro, a afirmação do devir e do múltiplo, mesmo na dilaceração dos membros dispersos de Dioniso. Com essa concepção, Nietzsche responde ao pessimismo de Schopenhauer: em lugar do desespero de uma vida para a qual tudo se tornou vão, o homem descobre no eterno retorno a plenitude de uma existência ritmada pela alternância da criação e da destruição, da alegria e do sofrimento, do bem e do mal. O eterno retorno, e apenas ele, oferece, diz Nietzsche, uma “saída fora da mentira de dois mil anos”, e a transmutação dos valores traz consigo o novo homem que se situa além do próprio homem.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



Esse super-homem nietzschiano não é um ser, cuja vontade “deseje dominar”. Se se interpreta vontade de potência, diz Nietzsche, como desejo de dominar, faz-se dela algo dependente dos valores estabelecidos. Com isso, desconhece-se a natureza da vontade de potência como princípio plástico de todas as avaliações e como força criadora de novos valores. Vontade de potência, diz Nietzsche, significa “criar”, “dar” e “avaliar”.

Nesse sentido, a vontade de potência do super-homem nietzschiano o situa muito além do bem e do mal e o faz desprender-se de todos os produtos de uma cultura decadente. A moral do além-do-homem, que vive esse constante perigo e fazendo de sua vida uma permanente luta, é a moral oposta à do escravo e à do rebanho. Oposta, portanto, à moral da compaixão, da piedade, da doçura feminina e cristã. Assim, para Nietzsche, bondade, objetividade, humildade, piedade, amor ao próximo constituem valores inferiores, impondo-se sua substituição pela virtú dos renascentistas italianos, pelo orgulho, pelo risco, pela personalidade criadora, pelo amor ao distante. O forte é aquele em que a transmutação dos valores faz triunfar o afirmativo na vontade de potência. O negativo subsiste nela apenas como agressividade própria à afirmação, como a crítica total que acompanha a criação; assim, Zaratustra, o profeta do além-do-homem, é a pura afirmação, que leva a negação a seu último grau, fazendo dela uma ação, uma instância a serviço daquele que cria, que afirma.

Compreende-se, assim, porque Nietzsche desacredita das doutrinas igualitárias, que lhe parecem “imorais”, pois impossibilitam que se pense a diferença entre os valores dos “senhores e dos escravos”. Nietzsche recusa o socialismo, mas em Vontade de Potência exorta os operários a reagirem “como soldados”.

## Uma Filosofia Confiscada

Apoiado na crítica nietzschiana aos valores da moral cristã, em sua teoria da vontade de potência e no seu elogio do super-homem, desenvolveu-se um pensamento nacionalista e racista, de tal forma que se passou a ver no autor de Assim Falou Zaratustra um precursor do nazismo. A principal responsável por essa deformação foi sua irmã Elisabeth, que, ao assegurar a difusão de seu pensamento, organizando o Nietzsche-Archiv, em Weimar, tentou colocá-lo a serviço do nacional-socialismo. Elisabeth, depois do suicídio do marido, que fracassara em um projeto colonial no Paraguai, reuniu arbitrariamente notas e rascunhos do irmão, fazendo publicar Vontade de Potência como a última e a mais representativa das obras de Nietzsche, retendo até 1908 *Ecce Homo*, escrita em 1888. Esta obra constitui uma interpretação, feita por Nietzsche, de sua própria filosofia, que não se coaduna com o nacionalismo e o racismo germânico. Ambos foram combatidos pelo filósofo, desde sua participação na guerra franco-prussiana (1870-1871). Por ocasião desse conflito, Nietzsche alistou-se no exército alemão, mas seu ardor patriótico logo se dissolveu, pois, para ele, a vitória da Alemanha sobre a França teria como consequência “um poder altamente perigoso para a cultura”. Nessa época, aplaudia as palavras de seu colega em Basileia, Jacob Burckhardt (1818-1897), que insistia junto a seus alunos para que não tomassem o triunfo militar e a expansão de um Estado como indício de verdadeira grandeza. Em *Para Além de Bem e Mal*, Nietzsche revela o desejo de uma Europa unida para enfrentar o nacionalismo (“essa neurose”) que ameaçava



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



subverter a cultura europeia. Por outro lado, quando confiou ao “louro” a tarefa de “virilizar a Europa”, Nietzsche levou até a caricatura seu desprezo pelos alemães, homens “que introduziram no lugar da cultura a loucura política e nacional... que só sabem obedecer pesadamente, disciplinados como uma cifra oculta em um número”. No mesmo sentido, Nietzsche caracterizou os heróis wagnerianos como germanos que não passam de “obediência e longas pernas”. E acabou rompendo definitivamente com Wagner, por causa do nacionalismo e antissemitismo do autor de Tristão e Isolda: “Wagner condescende a tudo que desprezo, até o antissemitismo”.

Para compreender corretamente as ideias políticas de Nietzsche, é necessário, portanto, purificá-lo de todos os desvios posteriores que foram cometidos em seu nome. Nietzsche foi ao mesmo tempo um antidemocrático e um antitotalitário. “A democracia é a forma histórica de decadência do Estado”, afirmou Nietzsche, entendendo por decadência tudo aquilo que escraviza o pensamento, sobretudo um Estado que pensa em si em lugar de pensar na cultura. Em Considerações Extemporâneas essa tese é reforçada: “estamos sofrendo as consequências das doutrinas pregadas ultimamente por todos os lados, segundo as quais o Estado é o mais alto fim do homem, e, assim, não há mais elevado fim do que servi-lo. Considero tal fato não um retrocesso ao paganismo, mas um retrocesso à estupidez”. Por outro lado, Nietzsche não aceitava as considerações de que a origem do Estado seja o contrato ou a convenção; essas teorias seriam apenas “fantásticas”; para ele, ao contrário, o Estado tem uma origem “terrível”, sendo criação da violência e da conquista e, como consequência, seus alicerces encontram-se na máxima que diz: “o poder dá o primeiro direito e não há direito que no fundo não seja arrogância, usurpação e violência”.

O Estado, diz Nietzsche, está sempre interessado na formação de cidadãos obedientes e tem, portanto, tendência a impedir o desenvolvimento da cultura livre, tornando-a estática e estereotipada. Ao contrário disso, o Estado deveria ser apenas um meio para a realização da cultura e para fazer nascer o além-do-homem.

## Assim Falou Zaratustra

Em *Ecce Homo*, Nietzsche intitulou seus capítulos: “Por que sou tão finalista?”, “Por que sou tão sábio?”, “Por que sou tão inteligente?”, “Por que escrevo livros tão bons?”. Isso levou muitos a considerarem sua obra como anormal e desqualificada pela loucura. Essa opinião, no entanto, revela um superficial entendimento de seu pensamento. Para entendê-lo corretamente, é necessário colocar-se dentro do próprio núcleo de sua concepção da filosofia: Nietzsche inverteu o sentido tradicional da filosofia, fazendo dela um discurso ao nível da patologia e considerando a doença “um ponto de vista” sobre a saúde, e vice-versa. Para ele, nem a saúde, nem a doença são entidades; a fisiologia e a patologia são uma única coisa; as oposições entre bem e mal, verdadeiro e falso, doença e saúde são apenas jogos de superfície. Há uma continuidade, diz Nietzsche, entre a doença e a saúde e a diferença entre as duas é apenas de grau, sendo a doença um desvio interior à própria vida; assim, não há fato patológico.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre

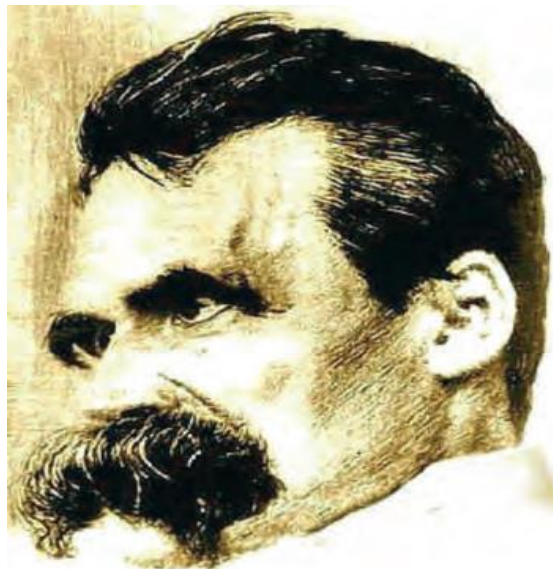


A loucura não passa de uma máscara que esconde alguma coisa, esconde um saber fatal e “demasiado certo”. A técnica utilizada pelas classes sacerdotais para a cura da loucura é a “meditação ascética”, que consiste em enfraquecer os instintos e expulsar as paixões; com isso, a vontade de potência, a sensualidade e o livre florescimento do eu são considerados “manifestações diabólicas”. Mas, para Nietzsche, aniquilar as paixões é uma “triste loucura”, cuja decifração cabe à filosofia, pois é a loucura que torna mais plano o caminho para as ideias novas, rompendo os costumes e as superstições veneradas e constituindo uma verdadeira subversão dos valores. Para Nietzsche, os homens do passado estiveram mais próximos da ideia de que onde existe loucura há um grão de gênio e de sabedoria, alguma coisa de divino: “Pela loucura os maiores feitos foram espalhados pela Grécia”. Em suma, aos “filósofos além de bem e mal”, aos emissários dos novos valores e da nova moral não resta outro recurso, diz Nietzsche, a não ser o de proclamar as novas leis e quebrar o jugo da moralidade, sob o travestimento da loucura. É dentro dessa perspectiva, portanto, que se deve compreender a presença da loucura na obra de Nietzsche. Sua crise final apenas marcou o momento em que a “doença” saiu de sua obra e interrompeu seu prosseguimento. As últimas cartas de Nietzsche são o testemunho desse momento extremo e, como tal, pertencem ao conjunto de sua obra e de seu pensamento. A filosofia foi, para ele, a arte de deslocar as perspectivas, da saúde à doença, e a loucura deveria cumprir a tarefa de fazer a crítica escondida da decadência dos valores e aniquilamento: “Na verdade, a doença pode ser útil a um homem ou a uma tarefa, ainda que para outros signifique doença... Não fui um doente nem mesmo por ocasião da maior enfermidade”.

14

## Texto filosófico clássico: O Nascimento da Tragédia

Por Friedrich Nietzsche



Para Nietzsche, o homem precisava se libertar da preocupação com a verdade e investir no conceito de viver. O homem seria portador de uma vontade de poder. Seu livro mais conhecido é Assim falou Zaratustra.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



(...) Sob o encantamento do dionisíaco não só se reconstitui a ligação entre o homem e homem. Também a natureza alienada, hostil ou subjugada celebra a sua festa de perdão ao filho perdido: o homem. A terra oferece espontaneamente os seus frutos, e os animais ferozes dos rochedos e dos desertos aproximam-se mansamente. O carro de Dionísio está coberto de flores e de guirlandas: sob o seu jugo, avançam o tigre e a pantera.

Imortaliza-se o Hino à Alegria de Beethoven em um quadro e que não se fique atrás com a imaginação, quando milhões se ajoelharão estremecendo no pó: assim poderemos nos aproximar do dionisíaco. Agora, o escravo é um homem livre, agora se rompem todas as limitações inflexíveis e hostis que a necessidade, o arbítrio, os descarados costumes colocaram entre os homens. Agora, no Evangelho da harmonia universal, cada qual não só se sente vizinho, reconciliado, fundido com o seu próximo, mas forma um todo com ele...

O homem apresenta-se cantando e dançando como membro de uma unidade superior: desaprendeu a andar, a falar e está perto de pairar dançando no ar. Os seus gestos revelam o encantamento. Agora que os animais falam e a Terra oferece leite e mel, ele também revela algo de sobrenatural: ele se sente como Deus, pára extático e exaltado, como em sonhos ele via os deuses se moverem.

O homem já não é um artista, tornou-se uma obra de arte: a potência estética de toda natureza se revela nos arrepios de embriaguez como supremo apagamento do Uno originário. Aqui se trabalha a argila mais preciosa, se debuxa o mármore mais valioso, o homem, e aos golpes de cinzel do sumo artista dionisíaco ecoa o grito dos mistérios eleusinos: Prostrai-vos, milhões? E tu, mundo, sentes a mão do teu criador?

## BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO

COPLESTON, Frederick S. J. Nietzsche: filósofo da cultura. Coleção Filosofia e Religião, Porto, Portugal, Livraria Tavares e Martins, 1953.

MARTON, Scarlett. Nietzsche. 4ª ed., In: Coleção Encanto Radical, São Paulo, Brasiliense, 1986.

ÁNGUELOV, D.Y. "O conceito de vontade em Arthur Schopenhauer e os seus equivalentes na filosofia indiana". In: Millenium n. 6 – Março de 1997. [on line] Disponível em: <[http://www.ipv.pt/millenium/colab\\_6.htm](http://www.ipv.pt/millenium/colab_6.htm)>. Acesso em: março de 2002.

BARBOZA, J. Schopenhauer. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. "Em favor de uma boa qualidade de vida". In: SCHOPENHAUER, op.cit., 2002



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



## Exercícios de Fixação

1. "A terra oferece espontaneamente os seus frutos, e os animais ferozes dos rochedos e dos desertos aproximam-se mansamente. O carro de Dionísio está coberto de flores e de guirlandas: sob o seu jugo, avançam o tigre e a pantera. Imortaliza-se o Hino à Alegria de Beethoven em um quadro e que não se fique atrás com a imaginação, quando milhões se ajoelharão estremecendo no pó: assim poderemos nos aproximar do dionisiaco." (Nietzsche). No texto acima, o filósofo está:

I. proclamando a alegria de viver.

II. exprimindo a fragilidade da vida humana.

III. afirmando que a nona sinfonia de Beethoven é obra da imaginação humana.

IV. proclamando poeticamente a existência livre e natural.

São verdadeiras apenas:

a) I e II

b) I e III

c) II e III

d) III e IV

e) I e IV

2. "Agora, o escravo é um homem livre, agora se rompem todas as limitações inflexíveis e hostis que a necessidade, o arbítrio, o descarado costume colocaram entre os homens. Agora, no Evangelho da harmonia universal, cada qual não só se sente vizinho, reconciliado, fundido com o seu próximo, mas forma um todo com ele..." (Nietzsche). O filósofo pretendeu nessas palavras

a) proclamar a fragilidade humana. mostrar que a condição natural dos homens é viver em escravidão.

b) proclamar o Evangelho de Cristo de acordo com as instituições que revelaram suas mensagens.

c) proclamar a necessidade de se romper com a cultura construída pelos homens que dificulta uma existência plena.

d) mostrar que só a religião do Evangelho pode salvar a condição escrava dos homens.

3. Na filosofia de Nietzsche, o conceito de "vontade de potência" tem fundamental papel. Sobre isso, leia as proposições abaixo:

I. Trata-se de uma lei criada pelos homens que deve regular suas existências.

II. Trata-se do impulso universal que rege todo o universo e deve conduzir a existência dos homens.

III. É essência da natureza, conduz os astros e os fenômenos culturais e políticos.

IV. É energia física criada por Deus e fundamento da existência humana.

São verdadeiras (apenas)

a) Todas.

b) I e III.

c) II e IV.

d) III e IV.

e) II e III.





# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



4. Assinale as alternativas que encerram a proposta filosófica de Nietzsche.

- I. O artista dionisíaco, que é o homem, ultrapassa a distância entre si e a obra, produzindo arte com a sua própria vida.
  - II. Dionísio representa uma existência austera, grave e racional.
  - III. De certa forma, Dionísio subverte as regras sociais, a etiqueta, a boa educação, as convenções, sendo o deus da loucura na busca de vitalidade.
  - IV. A vida dionisíaca rompe as relações com a natureza, pois sobrevaloriza o universo da cultura humana.
- São corretas apenas

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) I e IV.
- e) III e IV.

5. Podemos afirmar que o texto de Nietzsche é pessimista?

- a) Sim, pois o filósofo é ateu e não crê em qualquer verdade. Assim, é inevitável a classificação de pessimista.
- b) Não, ao contrário. O filósofo em questão é marcado por um otimismo fundamentado em hipóteses metafísicas e religiosas.
- c) Sim, pois a doutrina nietzschiana se fundamenta num anti-humanismo. Considera o homem um ser insuficiente e fraco.
- d) Sim, pois Nietzsche considera a existência humana marcada pela tragédia existencial e pela condição de miséria espiritual.
- e) Em hipótese alguma. O filósofo exalta o homem e a vida; a convivência e a integração de todas as coisas, inclusive entre o homem e a natureza.

6. Schopenhauer influenciou profundamente o pensamento de Nietzsche, e, apesar das divergências entre eles, apresentam um tema central em comum. Assinale a alternativa que revela a temática comum entre os dois filósofos.

- a) A melhor vida é a conduzida por uma proposta hedonista e dionisíaca.
- b) A vida é sofrimento.
- c) Há uma força natural de vontade que regula o universo.
- d) O tempo existencial retorna eternamente como uma ampulheta.
- e) Há uma ventura filosófica no saber metafísico, que para Nietzsche está no cristianismo e para Schopenhauer, no budismo.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



7. Sobre a filosofia de Schopenhauer, leia e julgue as proposições abaixo.

- I.– A vontade é um princípio racional que conduz ao “instinto” de preservação. Trata-se de uma força da natureza e universal.
- II.– O homem, porém, tenta encobrir essa força, conferindo causalidade a seus atos. Portanto, a vontade constitui, igualmente, a causa de todo sofrimento, uma vez que lança os entes em uma cadeia perpétua de aspirações sem fim, o que provoca a dor de permanecer algo que jamais consegue completar-se.
- III.– Assim, o prazer consiste apenas na supressão momentânea da dor. Isso confere a sua filosofia um caráter pessimista.

Estão (está) corretas (correta):

- a) Todas
- b) Apenas I e II
- c) Apenas II e III
- d) Apenas I e III
- e) Apenas II

8. (UEM-adaptada) – Um dos elementos fundamentais da Filosofia contemporânea é o contexto de crise da razão. Nela, criticam-se pilares da racionalidade moderna, como a ideia de fundação do conhecimento a partir do sujeito, e a possibilidade de uma ação moral universal. Com base na afirmação acima, assinale o que for correto e errado.

- 01) Sören Kierkegaard (1813-1885), precursor do existencialismo cristão, fez críticas severas à Filosofia moderna, pois nela o ser humano não aparece como ser existente, mas reduzido ao conhecimento objetivo.
- 02) Friedrich Nietzsche (1844-1900), ao perguntar sobre o valor dos valores, não representa uma novidade na maneira de formular as questões da Filosofia, sobretudo ao propor o movimento genealógico.
- 04) Sigmund Freud (1856-1939), fundador da Psicanálise, evidencia o papel da racionalidade da consciência e da unidade do eu, estabelecendo, para determinar as pulsões, a análise sintética a priori.
- 08) Michel Foucault (1926-1984) introduz, no cenário filosófico, o conceito de microfísica do poder, isto é, a fragmentação do sujeito em torno de um núcleo teórico unívoco, tanto moral quanto epistêmico.
- 16) A Escola de Frankfurt utiliza-se da razão instrumental para criticar os céticos e fundamentar, em novas bases, o cientificismo.

Estão erradas somente:

- a) 02, 04, 16
- b) 08
- c) 01 e 04
- d) 01
- e) 16

*Professor Leandro Andrade da Rocha*



Website

[www.cogitomagister.blogspot.com](http://www.cogitomagister.blogspot.com)



[leoandrerocha@hotmail.com](mailto:leoandrerocha@hotmail.com)



@msleandrorocha



LeandroChamberlain